

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 4 - Educação de qualidade

O BRINCAR NA INFÂNCIA: CRIANÇAS COMO PRODUTORAS DE CULTURA¹

PLAYING IN CHILDHOOD: CHILDREN AS PRODUCERS OF CULTURE

Paula Karine Dolovitsch², Kelly Werle³

¹ Reflexão desenvolvida na disciplina Educação e Infância, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria

² Aluna da Graduação do Curso de Pedagogia da UFSM, pauladolovitsch2014@gmail.com

³ Professora Doutora Adjunta do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSM, orientadora, kellywerle1986@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na atualidade, temas relacionados ao brincar, à infância e à cultura, estão cada vez mais presentes em diferentes espaços e contextos da educação de crianças pequenas, devido a sua grande relevância para o desenvolvimento infantil. Sendo assim as reflexões e discussões acerca dos temas em questão se tornam crescentemente imprescindíveis no campo da Educação Infantil.

A criança deve ser considerada como um sujeito de direitos, ativo e protagonista, em que, a partir das relações, interações e brincadeiras que vivencia e estabelece diariamente, constrói sua identidade pessoal e produz cultura. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL 2017), corrobora com outros documentos, e reafirma a criança como sujeito ativo e protagonista de suas ações e procura garantir a elas os direitos de conviver, brincar, explorar, participar, expressar e conhecer-se.

Diante do exposto, o trabalho tem por objetivo apresentar algumas discussões e reflexões acerca da importância da brincadeira na produção das culturas da infância.

Palavras-chave: Educação Infantil; Culturas da Infância; Brincadeira.

Keywords: Child education; Childhood cultures; Just Kidding.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizado um estudo de cunho investigativo, interpretativo e reflexivo, a partir de autores como Ariès (1981), Borba (2009) e Sarmiento (2003), bem como do documento da Base Nacional Comum Curricular, visualização do filme “O Pequeno Príncipe” (2015) e do documentário “A invenção da Infância” (2000), propostos no decorrer do componente curricular de Educação e Infância, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Os resultados deste trabalho podem ser considerados, portanto, produto da leitura e análise dos materiais propostos, bem como das reflexões e debates realizados no decorrer das aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com temas propostos para discussão no componente curricular em questão, torna-se possível realizar algumas reflexões acerca das crianças e suas diversidades de infância, bem como, sobre o modo como produzem suas culturas através da brincadeira.

A brincadeira, o ato de brincar, além de ser uma atividade que ocorre em um determinado tempo, é um modo de ser e de estar da criança, modo de experimentar a si e ao mundo. Ao brincar a criança pode recriar, de acordo com a sua imaginação, suas experiências e desejos, experimentando diferentes papéis em suas narrativas.

O brincar é uma atividade que, culturalmente, faz parte da vida do ser humano. Contudo, para as crianças a brincadeira é ainda mais importante, pois torna-se um momento de socialização, de

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

construção de diversos conceitos e valores em que se desenvolvem em todos os sentidos.

Além do prazer obtido nas brincadeiras, as crianças também podem expressar variados sentimentos, emoções e significados, ampliar as experiências e estabelecer interações sociais com seus colegas e demais pessoas que se fazem presentes em seu meio. O brincar é considerado como uma experiência de cultura, a brincadeira em si é um fenômeno de cultura, onde valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças (BORBA, 2009).

As culturas de infância envolvem variadas maneiras das crianças viverem, pensarem, interpretarem, agirem e interagirem no mundo, que se manifestam por meio das brincadeiras, diálogos, narrativas, músicas e movimentos que criam e produzem umas com as outras. “Por culturas de infância, entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sintetizada modos de ressignificação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação” (SARMENTO, p. 3, 2003).

Fica claro então, que o brincar para a criança não é apenas uma questão de diversão e sim, é algo sério, pois contribui de maneira ampla com a produção de cultura da infância, com os processos de construção de conhecimento, socialização e desenvolvimento de potencialidades.

Apesar de, na atualidade, haver esse entendimento da criança como sujeito ativo que produz culturas, nem sempre foi assim. Na medida em que ocorriam transformações nas estruturas sociais, também se transformava o conceito de infância. Ariès (1981) nos mostra que com o passar do tempo e em cada época, se compreendia a infância de uma forma diferente. Frente aos modos de organização familiar na Idade Média, não se compreendia e não se pensava na especificidade da infância, pois a percepção que se tinha é de que eram “adultos em miniatura”. Segundo Ariès (1981), o sentimento da infância corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, e isso não era, de certa forma, visível naquela época. Neste contexto, foram as transformações políticas, sociais e econômicas que influenciaram a reorganização da estrutura familiar e do modo de ver e de tratar a criança e a infância.

Atualmente, a criança é vista como um sujeito que questiona e deseja conquistar seu espaço na sociedade, pois nem todas o têm. Contudo, destaca-se a importância de entender que o conceito de infância é amplo, varia conforme o contexto social, cultural, étnico, econômico e político que a criança está inserida. Por isso, o conceito de infância é tão amplo, pois considera e acolhe toda essa diversidade, sendo sempre necessário considerar a sua pluralidade. Infância(s), porque não existe um modo de viver a infância e sim vários, como, por exemplo, a ideia que se tem de que as crianças que trabalham não têm infância, elas têm sim, porém não à vivem de uma forma considerada ideal, com tempo para brincar, com liberdade e autonomia. Infelizmente, essa é uma das marcas das infâncias vivenciadas por meninos e meninas em nosso país, o que pode ser observado no documentário “A invenção da infância”, de roteiro e direção de Liliana Sulzbach (2000), onde enfatiza que há duas faces, por um lado algumas crianças precisam comprometer-se com o trabalho expondo-se a riscos e perigos de algumas atividades, e outras precisam comprometer-se com atividades diversas, que lhe são designadas pelos adultos.

Deste modo, as condições econômicas com certeza influenciam muito, mas, até mesmo crianças que vivem em uma condição favorável, muitas vezes, não tem um tempo para viver uma infância com ludicidade, brincadeiras, descobertas, por já serem subordinadas aos traços da sociedade capitalista. Neste contexto, observa-se adultos mais preocupados em planejar e seguir um planejamento para tornarem, futuramente, as crianças bons adultos, do que incentivá-las e promover espaços e condições para uma boa e proveitosa infância, é o que nos mostra claramente o filme do “Pequeno Príncipe”.

No filme em questão, a protagonista é uma garotinha, criada apenas pela mãe que planeja

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 4 - Educação de qualidade

milimetricamente um futuro perfeito para a menina, almejando que seja “uma adulta maravilhosa”. Do lado da casa da família, um vizinho excêntrico apresenta e conta a garota narrativas fabulosas de uma viagem. Diante dessa amizade, a protagonista desperta sua infância e compreende a necessidade da interação com outras pessoas e contextos, além de seu futuro programado pela sua mãe.

Com esta grande preocupação atual do que a criança virá a ser no futuro, corre-se um grande risco de não investir e incentivar a criança do agora, do presente, ao atribuir a ela funções e responsabilidades que não lhe são adequadas para a referida fase. Priorizar estas atividades pode sobrecarregar as crianças e não ser eficaz. Além de tudo isso, tais medidas acabam substituindo e tomando o tempo, e em alguns casos acabam por ser responsáveis pela redução dos momentos de brincar na infância, os quais são tão importantes. Uma educação focada no futuro deixa muito de lado o presente e não percebe a criança e suas necessidades de brincar, de imaginar e de viver uma outra relação com o tempo.

A criança já é alguém, um sujeito no tempo presente, e garantir o direito a ter experiências significativas, brincar e interagir com as outras crianças, é fundamental para a qualidade de sua infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a criança e a infância, requer muito esforço e muita reflexão. Ao longo de todos os materiais estudados e discussões realizadas acerca do tema, esse processo reflexivo tem sido possível, entendendo que independente da época, cultura e classe social, a brincadeira faz parte da vida e da cultura de todas as das crianças e infâncias.

Durante a infância, a criança que é única e singular, aprende brincando, e ao brincar ela pensa, analisa sobre sua realidade, sua cultura e o meio em que está inserida, criando e recriando formas, conceitos, ideias, percepções e, cada vez mais, socializa-se através de interações com outros pares, objetos e espaços. Portanto, o brincar não é apenas uma questão de diversão, mas sim é um direito, uma forma de aprender, de construir, de socializar e de produzir culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A INVENÇÃO da infância. Direção de Liliana Sulzbach. Brasil: Liliana Sulzbach, Mônica Schmiedt, 2000. 26 min.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, P. Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores associados, 2009. p. 69-78.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

O PEQUENO príncipe. Direção de Mark Osborne. França: Paris filmes, 2015. 107 min.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho Portugal, 2003.

Parecer CEUA: 2208566